

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL, CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO
PRODUÇÃO TEXTUAL ACADÊMICA (PTA)
UNIDADE 3 – RESUMO INFORMATIVO

REFERÊNCIA:

MARCHESAN, Ani Carla; BUTTURI JUNIOR, Atilio. Os resumos. In: MARCHESAN, Ani Carla; BUTTURI JUNIOR, Atilio. Metodologia do trabalho acadêmico. Campo Grande: ed. da UFMS, 2012. p. 52-66.

3.2.1 Os resumos

Um conto muito citado do argentino Jorge Luis Borges narra a história de uma espécie de confraria de cartógrafos, os mais exímios existentes, que planejam uma “revolução” em sua área:

Naquele império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa duma Província ocupava uma Cidade inteira, e o mapa do Império uma Província inteira”, escreveu ele. Cansados de reduzir o tamanho real das cidades e províncias para que elas coubessem nos mapas, os cartógrafos resolveram construir mapas na escala 1 por 1, de modo que a carta cartográfica de uma cidade tinha o tamanho da própria cidade, e assim por diante [...]

A tarefa de pesquisar deve estar atenta aos problemas levantados na ironia de Borges. Assim, quando lemos um texto e pretendemos documentar o que foi lido, não podemos perder de vista que se trata de um trabalho de seleção e, portanto, de edição. Logicamente, é a atividade de leitura constante e o aprofundamento na área do conhecimento que permitirá que o acadêmico seja capaz de “filtrar” as informações mais relevantes dos textos, a fim de resumi-los e não transcrevê-los - o erro grandiloquente dos cartógrafos de Borges.

A tarefa de resumir é uma constante em nossas vidas diárias. Em muitas ocasiões, narramos de forma sucinta os acontecimentos e as situações em que nos envolvemos. De maneira parecida, no decorrer da sua vida escolar, em muitas ocasiões foi solicitado que você produzisse resumos, de livros a filmes. Muitas vezes, você deve ter notado que havia uma “variação” nas expectativas dos professores em relação a estes textos: alguns exigiam comentários pessoais, outros se pautavam na objetividade.

Na Universidade, o acadêmico também deverá produzir resumos, com finalidades distintas. Todavia, há um modo acadêmico de produzi-los, que inclusive tem uma norma técnica específica, a *NBR 6028*. Essa norma (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2003, p. 1) conceitua os resumos e ainda os divide em três tipos:

2.2 resumo: Apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento.

2.3 resumo crítico: Resumo redigido por especialistas com análise crítica de um documento. Também chamado de resenha. Quando analisa apenas uma determinada edição entre várias, denomina-se *recensão*.

2.5 resumo indicativo: Indica apenas os pontos principais do documento, não apresentando dados qualitativos, quantitativos etc. De modo geral, não dispensa a consulta ao original.

2.6 resumo informativo: Informa ao leitor finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento, de tal forma que este possa, inclusive, dispensar a consulta ao original.

relembrando: vamos nos dedicar só ao Resumo informativo. Os outros 2 tipos de resumo serão vistos no decorrer do semestre.

Falemos brevemente da categorização em três gêneros de resumos: o crítico, o indicativo e o informativo.

A) Resumo Crítico: a NBR 6028 considera resumo crítico uma análise valorativa dos textos, chamando-o de *resenha*. As *resenhas* são um gênero textual muito solicitado na Universidade e serão abordadas com mais vagar no próximo capítulo.

B) Resumo Indicativo: os resumos indicativos são solicitados na vida acadêmica em dois momentos: para figurar antes de trabalhos monográficos (Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações, Teses) e artigos, indicando seus objetivos, metodologia, discussões e resultados; para a participação em eventos científicos (Congressos, Encontros, Seminários), tanto para a inscrição quanto para a divulgação em Programas de Eventos ou Anais de Eventos. Dada a sua importância, teremos uma seção destinada a eles no capítulo quatro.

C) Resumo Informativo: os resumos informativos são aqueles em que as informações mais relevantes do texto-fonte (o texto que se vai resumir) são mantidas, respeitando a ordem em que estas aparecem. Na Universidade, são solicitados pelos professores como avaliação de leituras e como ferramenta para documentação.

bem importante: ao fazer o resumo, vocês devem seguir a ordem em que as informações são apresentadas no texto-fonte.

Como já dissemos, este capítulo tem por objetivo justamente apresentar soluções para o binômio “leitura-documentação”. Acreditamos, pois, que esse é o momento oportuno para apresentar o gênero⁴ *Resumo Informativo*.

3.2.2 O Resumo Informativo

Como afirmamos há pouco, os resumos informativos são produzidos em duas ocasiões na Universidade: na documentação pessoal das leituras e na apresentação do que foi lido ao professor. No entanto, se sabemos que esses textos são sínteses de um texto-fonte, há grande dificuldade em saber como elaborar tais sínteses, sobretudo porque ao iniciar as leituras acadêmicas não temos certeza em relação ao que é “mais importante” nos textos.

Como todo trabalho com leitura e produção de textos, somente a prática e o contato com os diferentes gêneros promoverá a proficiência. É preciso que se leia para que a chamada competência comunicativa - nossa capacidade de identificar e produzir textos adequados às situações sociais específicas (KOCH, 2009) - se estabeleça de forma devida.

Nesse caminho, uma solução inicial é utilizar a técnica de sumarização, conforme descrita em Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004, p.26). De acordo com as autoras, a sumarização é um processo essencial na produção de resumos e seria uma espécie de “edição” das informações circunstanciais, que não interferem na compreensão

⁴ Koch (2009), a partir da noção de gênero de Bakhtin, entendido como “tipo relativamente estável de enunciado”, entende-o como tipos de textos cuja composição regular é influenciada pela esfera sociocomunicativa em que estes circulam. Assim, na Universidade (a esfera sociocomunicativa) teríamos alguns tipos estabilizados de textos, que seriam identificados por sua “composição”, a forma com que aparecem recorrentemente e pela qual são identificados. Os exemplos mais comuns de gêneros acadêmicos, reconhecidos na maior parte dos livros de Produção Textual e de Metodologia seriam: resumo, resenha, artigo e monografia.

global do que foi lido. As autoras sugerem algumas possibilidades de sumarização:

- () Apagamento de conteúdos facilmente inferíveis a partir do nosso conhecimento de mundo.
- () Apagamento de seqüências de expressões que indicam sinonímia ou explicação.
- () Apagamento de exemplos.
- () Apagamento de justificativa de uma afirmação.
- () Apagamento de argumentos contra a posição do autor.
- () Reformulação das informações, utilizando termos mais genéricos. (ex: homem, gato, cachorro > mamíferos)

Sumarizar o texto significa apagar (riscar) o que não é importante.

Quando lemos um texto (para produzir um resumo informativo) temos que lembrar que esses itens **NÃO DEVEM FAZER PARTE DO RESUMO.** ok?

Esse quadrinho é muito importante.

tudo o que vem após o "ou seja", "isto é", "dito de outra forma" etc. não deve fazer parte do resumo informativo.

As autoras revelam também que uma atenção redobrada deve ser dada à situação sociocomunicativa de produção do texto, ou seja, precisamos ficar atentos ao “para quem” escrevemos e com “quais objetivos”, para só então passarmos a sumarizar. A relevância das informações é um fator variável, no caso da Universidade, de acordo com os interesses da pesquisa, do pesquisador, do professor que solicita resumos e de outras variáveis que devem ser lembradas.

lembrem do fator de textualidade: informatividade.

Imaginemos, todavia, que você é capaz de ler textos e sumarizá-los de modo adequado, pois seu contato com livros e artigos é efetivo e cotidiano. Ao elaborar os resumos informativos - tanto para a documentação pessoal quanto para entrega ao professor -, o texto deverá ser apresentado segundo algumas regras, dispostas na NBR 6028 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2003, p. 2):

3.1 O resumo deve ressaltar o objetivo, o método, os resultados e as conclusões do documento. A ordem e a extensão destes itens dependem do tipo de resumo (informativo ou indicativo) e do tratamento que cada item recebe no documento original.

o resumo informativo deve ter, mais ou menos, 1/3 do tamanho do texto original.

3.2 O resumo deve ser precedido da referência do documento, com exceção do resumo inserido no próprio documento.

O resumo informativo deve respeitar a ordem em que as informações são colocadas no texto-fonte.

3.3 O resumo deve ser composto de uma seqüência de frases concisas, afirmativas e não de enumeração de tópicos.

De acordo com a norma da ABNT 6023 que ainda iremos estudar. Por enquanto, eu irei passar a referência dos textos para vocês.

[...]

3.3.1 A primeira frase deve ser significativa, explicando o tema principal do documento. A seguir, deve-se indicar a informação sobre a categoria do tratamento (memória, estudo de caso, análise da situação etc.).

O resumo informativo deve ser escrito em vários parágrafos (não pode ser feito em tópicos).

A 1ª frase do resumo informativo deve ter: o tipo de documento (tese, artigo, livro etc.), o nome do(s) autor(es) do texto-fonte, o título do texto-fonte e o tema (ou objetivo) do texto-fonte.

O resumo informativo é uma grande CITAÇÃO INDIRETA. Por isso, usar a 3ª pessoa é super importante para deixar claro que você está fazendo um resumo informativo. Ou seja, as ideias colocadas no resumo são do autor do texto-fonte (é claro que é você que escreverá o texto - usando as suas palavras). ok?

3.3.2 Deve-se usar o verbo na voz ativa e na terceira pessoa do singular.

[...]

Sempre usem a 3ª pessoa do singular (Para o autor,; Segundo Fulano,; De acordo com o texto,; No capítulo um é descrito etc...) ou o impessoal (No primeiro capítulo, apresenta-se....; Inicia-se com.... etc.).

De posse das informações acima, ao textualizar você ainda deverá atentar para um processo axial no desenvolvimento dos resumos e de todos os textos acadêmicos: a paráfrase. Discutir paráfrase requer, entretanto, que pensemos no sentido de "intertexto".

PARÁFRASE é sinônimo de CITAÇÃO INDIRETA.

Você já deve ter notado que, ao produzir um texto, estamos sempre dialogando com nosso conhecimento textual anterior. Queremos dizer com isso que, quando redigimos, um universo de conhecimentos prévios é ativado:

- conhecimentos formais de cada gênero, desde o uso de vocabulário até a disposição dos elementos na página e a extensão;
- conhecimentos pragmáticos, que dizem respeito a nossa intenção quando escrevemos ou falamos e os resultados que alcançamos junto a nossos leitores e ouvintes;
- conhecimentos textuais, que são aqueles provindos de textos que já lemos e que nos auxiliam a construir nossas hipóteses, argumentos, teses e narrativas.

a intertextualidade (dos fatores de textualidade)

Assim, ao escrevermos, estamos obrigatoriamente nos referindo a outros textos, numa relação "entre-textos" que os estudiosos têm chamado de "intertextualidade". A discussão sobre as formas da intertextualidade é ampla, mas uma boa noção é a de Fiorin (2003, p.35): "[...] o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir ou transformar o sentido incorporado." Na produção de textos acadêmicos, Zandomenego e Cerutti-Rizzatti (2008, p.58) apontam uma relação de intertextualidade constitutiva e que não pode ser esquecida:

Quando resumimos ou fichamos um texto, o material produzido por nós traz consigo necessariamente uma estreita relação com os textos-fonte. As resenhas, por sua vez, legitimam tais relações de modo ainda mais expressivo. Nelas, evocamos outros textos do mesmo autor ou textos de outros autores sobre o mesmo tema, estabelecendo cruzamentos e interfaces entre textos diversos. Já nos artigos acadêmicos, buscamos em textos já conhecidos a legitimidade para a interpretação que propomos a fatos e temas focalizados, fazendo isso por meio de citações e paráfrases.

Porque ao resumir um texto (para produzir um resumo informativo), nós escrevemos com as nossas palavras as informações (ideias) mais importantes que estão no texto-fonte.

Ou seja, uma grande citação indireta (=paráfrase)

Se entendemos os textos como parte de um tecido de vários outros textos com que dialogam e mantêm relações, é importante lembrar

Ou seja, no resumo informativo vocês podem, além das citações indiretas (=paráfrases), utilizar algumas citações diretas (mas não muitas)

que, no caso dos textos acadêmicos, é imprescindível que sempre se respeite a autoria. Isso quer dizer que, ao escrever seu resumo, sua resenha ou seu artigo, você obrigatoriamente deverá utilizar duas ferramentas: as citações, que serão descritas no capítulo quatro; e as paráfrases, que são textos pessoais cuja tônica está em manter o conteúdo do texto-original, vertendo-o em suas palavras.

Na tradição linguística, a paráfrase foi definida por diversos autores. Em termos gerais, pode ser entendida como a reformulação de um texto por um texto segundo, havendo formulações diferentes a partir de um conteúdo comum. A linha entre o primeiro e o segundo e a manutenção dos conteúdos é discutível, principalmente porque hoje os estudos apontam várias influências (sociais, culturais, políticas, afetivas...) que podem “modificar” o “conteúdo” e dificultar a neutralidade das paráfrases.

Todavia, no caso dos textos acadêmicos, o esforço de parafrasear é constante e requer um compromisso com a ética e com a objetividade. Eco (2007, p.179-181), no trecho Citações, paráfrases e plágio, dá um exemplo irônico que deixa clara a diferença entre um texto parafraseado e as tentativas “falsas”, que denotam plágio e cópia e acabam por desobedecer às normas acadêmicas de autoria.

serve para o resumo informativo também.

Citações, paráfrases e plágio

Ao elaborar a ficha de leitura, você resumiu vários pontos do autor que lhe interessavam: isto é, fez paráfrases e repetiu com suas próprias palavras o pensamento do autor. E também reproduziu trechos inteiros entre aspas.

fundamental na produção do resumo informativo.

Ao passar para a redação da tese, já não terá sob os olhos o texto, e provavelmente copiará longos trechos das fichas. Aqui, é preciso certificar-se de que os trechos que copiou são realmente paráfrases e não citações sem aspas. Do contrário, terá cometido plágio.

que são as chamadas CITAÇÕES DIRETAS.

Essa forma de plágio é assaz comum nas teses. O estudante fica com a consciência tranqüila porque informa, antes ou depois, em nota de rodapé, que está se referindo àquele autor. Mas o leitor que, por acaso, percebe na página não uma paráfrase do texto original, mas uma verdadeira *cópia* sem aspas, pode tirar daí uma péssima impressão. E isto não diz respeito apenas ao orientador, mas a quem quer que posteriormente estude sua tese, para publicá-la ou para avaliar sua competência.

se forem citações diretas sem aspas será PLÁGIO. Lembram?

Como ter certeza de que uma paráfrase não é um plágio? Antes de tudo, se for mais curta do que o original, é claro. Mas há casos em que o autor diz coisas de grande conteúdo numa frase ou período curtíssimo, de sorte que a paráfrase deve ser muito mais longo do que o trecho original. Neste caso, não se deve preocupar

doentiamente em nunca colocar as mesmas palavras, pois às vezes é inevitável ou mesmo útil que certos termos permaneçam imutáveis. A prova mais cabal é dada quando conseguimos parafrasear o texto sem lê-lo [sic] diante dos olhos, significando que não só não o copiamos como o entendemos.

lembram do [sic], que significa "assim mesmo, dessa forma"? Ou seja, o correto seria "tê-lo" e não "lê-lo".

Para melhor esclarecer esse ponto, transcrevo – com o número 1 – um trecho de um livro (trata-se de Norman Cohn, *Os Fanáticos do Apocalipse*).

Com o número 2 exemplifico uma paráfrase razoável.

Com o número 3 exemplifico uma *falsa paráfrase*, que constitui um plágio.

Com o número 4 exemplifico uma paráfrase igual à do número 3, mas onde o plágio é evitado pelo uso honesto de aspas.

1. O texto original

A vinda do Anticristo deu lugar a uma tensão ainda maior. Sucessivas gerações viveram numa constante expectativa do demônio destruidor, cujo reino seria de fato um caos sem lei, uma era voltada à rapina e ao saque, à tortura e ao massacre, mas também o prelúdio de um termo ansiado, a Segunda Vinda e o Reino dos Santos. As pessoas estavam sempre alerta, atentas aos “sinais” que, segundo a tradição profética, anunciariam e acompanhariam o último “período de desordem”; e, já que os “sinais” incluíam maus governantes, discórdia civil, guerra, fome, carestia, peste, cometas, mortes imprevistas de pessoas eminentes e uma crescente pecaminosidade geral, nunca houve dificuldade em detectá-los.

2. Uma paráfrase honesta

A esse respeito, Cohn¹ é bastante explícito. Debruça-se sobre a situação de tensão típica desse período, em que a expectativa do Anticristo é, ao mesmo tempo, a do reino do demônio, inspirado na dor e na desordem, mas também prelúdio da chamada Segunda Vinda, a Parúsia, a volta do Cristo triunfante. Numa época dominada por acontecimentos sombrios, saques, rapinas, carestia e pestes, não faltavam às pessoas os “sinais” correspondentes aos sintomas que os textos proféticos haviam sempre anunciado como típicos da vinda do Anticristo.

3. Uma falsa paráfrase

O próprio Cohn... [segue uma lista de opiniões expressas pelo autor em outros capítulos]. Por outro lado, cumpre não esquecer

que a vinda do Anticristo deu lugar a uma tensão ainda maior. As gerações viviam na constante expectativa do demônio destruidor cujo reino seria de fato um caos sem lei, uma era consagrada à rapina e ao saque, à tortura e ao massacre, mas também o prelúdio à Segunda vinda ou ao Reino dos Santos. As pessoas estavam sempre alerta, atentas aos sinais que, segundo os profetas, acompanhariam e anunciariam o último “período de desordem”; e, já que esses “sinais” incluíam os maus governantes, a discórdia civil, a guerra, a seca, a fome, a carestia, as pestes e os cometas, além das mortes imprevistas de pessoas importantes (e uma crescente pecaminosidade geral), nunca houve dificuldades em detectá-los.

4. Uma paráfrase quase textual que evita o plágio

O próprio Cohn, já citado, recorda ainda que “a vinda do Anticristo deu lugar a uma tensão ainda maior”. As diversas gerações viviam em constante expectativa do demônio destruidor, “cujo reino seria de fato um caos sem lei, uma era consagrada à rapina e ao saque, à tortura e ao massacre, mas também o prelúdio de um termo ansiado, a Segunda Vinda e o Reino dos Santos”.

As pessoas estavam sempre alerta e atentas aos sinais que, segundo os profetas, acompanhariam e anunciariam o último “período de desordens”. Ora, sublinha Cohn, uma vez que estes sinais incluíam “maus governantes, discórdia civil, guerra, seca, fome, carestia, peste, cometas, mortes imprevistas de pessoas eminentes e uma crescente pecaminosidade geral, nunca houve dificuldades em detectá-los”⁵.

Ora, é claro que, ao invés de dar-se ao trabalho de elaborar a paráfrase n.º 4, melhor fora transcrever como citação o trecho completo. Mas para isso seria preciso que sua ficha de leitura já contivesse todo o trecho ou uma paráfrase insuspeita. Como, ao redigir a tese, não poderá mais recordar-se do que foi feito na fase de fichamento, cumpre proceder corretamente a partir daí. Você deve estar seguro de que, não existindo aspas na ficha, o que ali está é uma paráfrase e não um plágio.

¹COHN, Norman. **I fanatici dell'Apocalipse**. Milano: Comunità, 1965, p. 128.

(ECO, 2009, p. 129-131)

Perceba que, ao copiar um texto, você não apenas rompe o pacto de confiança estabelecido na relação aluno-professor, mas acaba por desvirtuar o sentido da prática de pesquisa acadêmica, que é justa-

⁵ Ibidem

mente de respeitar a tradição e utilizá-la como fonte (via citação e paráfrase) de novos textos e explicações sobre os objetos de pesquisa.

Se você ainda não se convenceu da importância da paráfrase e das citações e da sua relação com a ética na pesquisa e na vida acadêmica, lembramos de um fato recente, quando um professor da USP e sua orientanda de doutorado perderam, respectivamente, seu cargo e seu título, pois foram acusados de plágio, ou seja, de utilizar pesquisas e informações de outros sujeitos sem indicar quem eram as fontes. O problema apontado como mais grave foi o uso da mesma figura, encontrada no texto do grupo da UFRJ de 2003 e copiada pela pesquisadora da USP, sem a devida citação, em 2011, como relata a matéria (USP..., 2011):

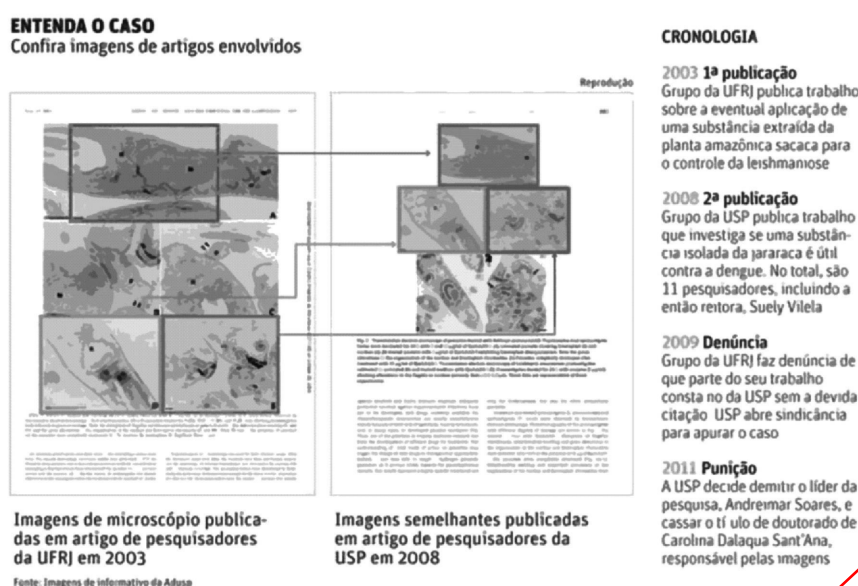


Figura 14: Reportagem sobre um caso de plágio na USP

Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/saber/878368-usp-demite-professor-por-plagio-em-pesquisa.shtml>>

Resumo do que foi visto/escrito até aqui. Leiam com atenção.

Até o momento, alguns apontamentos sobre o gênero *resumo informativo* foram realizados, desenhando algumas de suas características:

- é um texto de documentação para pesquisa e por isso deve manter as informações mais relevantes do texto-fonte, bem como a ordem em que estas aparecem e suas relações lógicas;
- é um texto produzido a partir da leitura de um texto-fonte e, portanto, precisa fazer menção constante a este;
- é objetivo, ou seja, não contém opiniões ou juízos de valor (diferente do que acontece na resenha);
- é um texto de síntese de informações e necessita respeitar limites de extensão. Em geral, recomenda-se que esse limite seja de 1/3 em relação ao original (LAKATOS; MARCONI, 2010; ZANDOMENEGU; CERUTTI-RIZATTI, 2008);

Atenção: o resumo informativo não deve ter a opinião de vocês. Vocês devem se limitar a resumir o texto-fonte. Ou seja, fazer um novo texto com as informações mais importantes do texto-fonte.

Ex.: Para o autor,....; Segundo Fulano,; Fulano afirma que....; No artigo, é dito que....; Beltrano assevera etc.

- é um texto acadêmico e justamente por isso deve estar adequado às normas gramaticais vigentes;
- não apresenta título, mas a referência bibliográfica completa do texto fonte, que antecede o texto;
- é um texto parafrástico, ou seja, não é uma cópia de trechos e nem um recorte destes. Um resumo é um “novo texto”, uma nova enunciação do texto original, a partir da leitura atenta, configurando uma paráfrase. Toda vez que se quiser utilizar o original, é obrigatório, portanto, usar as normas de citação, respeitando a autoria e evitando problemas éticos;
- sempre deve ser precedido da referência bibliográfica completa do texto-fonte;
- deve utilizar recursos linguísticos que garantam o efeito de objetividade ao texto, como o uso da partícula “-se” e a terceira pessoa verbal (“ele, eles, elas, eles”), além da voz ativa;
- sua primeira sentença deve “ativar o referente” (KOCH, 2009), ou seja, deve introduzir aquilo de que se fala (o texto-fonte, no caso dos resumos), permitindo saber qual o título, o autor e o objetivo geral da obra resumida.

De acordo com a ABNT NBR 6023.

Ou seja, é uma grande CITAÇÃO INDIRETA.

Além disso, o resumo informativo pode conter algumas citações diretas (desde que marcadas - entre aspas ou em bloco)

aqui, quando o autor se refere a citação, ele quer dizer "citação direta".

Ele usa "paráfrase" para se referir a "citação indireta".

Ex.: Fulano de Tal, no capítulo "título", trata

Seguindo nossas reflexões, cabe agora exemplificarmos sua produção, respeitando as “normas” estabelecidas para o gênero. Para isso, passemos à leitura do texto a seguir, *Truculência na Internet*, cuja autoria é de Marcelo Leite e que foi retirado do livro *Resumo* (MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004):

Exemplo: aqui é o texto-fonte e, logo depois, há dois exemplos de resumo informativo. Leiam com muita atenção esse exemplo. ok?

Truculência na internet

Marcelo Leite

editor de Ciência

A indústria fonográfica norte-americana -ou seja, mundial- deu um passo radical há duas semanas, quando iniciou 261 processos judiciais contra pessoas que baixaram da internet canções protegidas por direitos autorais. Pode ser um passo rumo ao abismo.

Antes que a coluna seja acusada de apologia do crime (atentado contra a propriedade de obras artísticas e intelectuais), é bom reafirmar inteiro apoio ao direito autoral. Nada parece mais correto do que fazer reverter para o artista ou para o intelectual o fruto de seu trabalho, ou que parte dele vá para pessoas e organizações que tenham auxiliado na distribuição dessas obras.

Na vida prática, porém, todo direito enfrenta limitações. No caso da mania de copiar músicas da internet, a primeira limitação é justamente de ordem prática: como processar todas as pessoas que fazem downloads? São milhões, provavelmente dezenas ou centenas de milhões de pessoas espalhadas pelo mundo. Soa no mínimo arbitrário escolher a esmo 43 meias dúzias de indivíduos entre os que usam os recursos KaZaA, iMesh, Blubster, Grokster e Gnutella. São bodes expiatórios, escolhidos para dar um exemplo para lá de duvidoso.

Primeiro, de um ponto de vista mais probabilístico, porque não parece que vá ter muita eficácia. As chances de ser pego e processado ainda são minúsculas (da ordem de uma em 1 milhão, se houvesse pelo menos 261 milhões de internautas baixando músicas da rede). Só nos EUA estima-se em 60 milhões o total de ‘criminosos’. Seria preciso entupir a Justiça com outros milhares de processos antes que a garotada hormonalmente inclinada à contestação de fato se intimidasse.

Depois, porque isso equivale a cutucar a onça com vara curta. A medida tornará os produtores e fabricantes de discos ainda mais impopulares do que já são entre jovens, seus futuros e atuais consumidores. Se você duvida e tem uma adolescente conectada por perto, pergunte a ela o que pensa do preço dos CDs.

‘Ninguém gosta de bancar o truculento e ter de recorrer a processos’, disse ao jornal ‘The New York Times’ Cary Sherman, presidente da Associação da Indústria Fonográfica dos Estados Unidos. Para ele, a Justiça se tornou o único meio de frear uma atividade ilegal que está causando muitos prejuízos.

É verdade que os empresários foram espertos, indo atrás daqueles usuários que participam ativamente da distribuição de músicas e não tanto dos que só fazem a sua copiazinha para ouvir. Parece que estão seguindo à risca o ensinamento da recém-nascida ciência das redes, que manda atacar os mais conectados para derrubar uma rede inteira.

O problema que a indústria desconsidera é que a maioria dos ‘criminosos’ não faz isso para ganhar dinheiro, mas para se divertir. Baixar músicas da internet já se tornou uma prática social, um costume, uma forma de cultura. Tentar impedir isso aparece como censura. Tudo indica que a popularização dos computadores e a crescente conexão das pessoas permitida pela internet tornarão cada vez mais difícil controlar a cópia e o intercâmbio de produtos culturais -discos ou livros, filmes ou fotografias.

Está mais do que na hora de os gênios do marketing queimarem seus miolos, tão criativos, para inventar uma forma de ganhar

dinheiro com as novas redes -como elas são. Não vão conseguir enfiá-las no figurino acanhado do mercado nutrido com bolachas negras de vinil.

@-E-mail: cienciaemdia@uol.com.br

O primeiro passo é a leitura, que como vimos pode ser um processo de releituras e anotações. Depois disso, passa-se à sumarização, “apagando” as informações não essenciais para a compreensão global do texto. Para isso, você pode até lançar mão de esquemas, ou seja, planos de escrita baseados em expressões ou palavras-chave, que posteriormente deverão ser textualizados adequadamente - os resumos não são esquemas, mas textos em prosa. Outro ponto importante é montar a referência do texto-fonte (veja o próximo capítulo) e inseri-la antes de seu resumo, precedendo o texto como exige a norma.

eu, Ani, prefiro sublinhar (marcar) as informações mais importantes (e não riscar o que é desnecessário). Cada um faz como achar melhor. ok?

Para facilitar a produção do resumo, sugerimos a utilização de uma espécie de “gabarito” formulado por Adair Vieira Gonçalves, no artigo *Gêneros Textuais e Reescrita: uma proposta de intervenção para o ensino de língua materna*. Gonçalves elenca as perguntas a se fazer para os autores dos resumos no intuito de garantir sua objetividade e sua adequação (GONÇALVES, 2010, p.22). São elas:

Aqui, são dicas para elaborar um bom resumo informativo. É como se fosse um check list para ver se o resumo informativo ficou bom.

- 1) Antes de resumir, você detectou a questão discutida, os argumentos, o ponto-de-vista defendido, o ponto-de-vista rejeitado e a conclusão?
- 2) Seu resumo apresenta dados como o nome do autor do texto resumido e o título do texto original?
- 3) Você selecionou as informações prioritárias, de modo que o professor possa avaliar sua compreensão global do texto?
- 4) Seu resumo é compreensível por si mesmo, isto é, é possível compreendê-lo sem ler o texto original?
- 5) Evitou emitir suas próprias opiniões?
- 6) O resumo escolar produzido está adequado ao seu interlocutor-professor e ao suporte escolar? Conseguiu transmitir o efeito de sentido desejado?
- 7) Você atribui, a partir da leitura, diferentes ações ao agir do autor do texto original? Procurou traduzir estas ações por verbos adequados? Você se refere a ele de formas diferentes?

ex.:
Fulano afirma/assevera/
confirma/enumera/questiona/
define/pontua/relembra/
etc.

- 8) Seu resumo mantém as relações sintático-semânticas (explicação, causa, conclusão) do texto original?
- 9) Você eliminou expressões facilmente inferidas pelo contexto tais como expressões sinônimas, explicações ou exemplos?
- 10) Não existem desvios gramaticais tais como pontuação, frases truncadas/incompletas, erros ortográficos, etc.?

Com essas informações, você agora é capaz de ler o resumo a seguir, produzido por um acadêmico da primeira fase do curso de Engenharia Ambiental e Energias Renováveis, da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim, a partir do texto-fonte *Truculência na internet*.

Texto 1:

1º exemplo de resumo informativo do texto "Truculência na internet"

LEITE, M. Truculência na internet. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 set. 2003. Mais!, p.19.

Em seu artigo *Truculência na Internet*, Marcelo Leite trata do conflito entre a indústria fonográfica e os usuários de internet, gerado pelo download ilegal de músicas. Logo no início do artigo, o autor cita o caso de 261 pessoas que foram processadas por que violaram alguns direitos autorais. O autor considerou o fato como um "passo rumo ao abismo" por parte das gravadoras, pois, apesar de concordar com os direitos autorais, considera impraticável a proteção total destes. Ele afirma ser muito difícil atingir, por meios judiciais, todos que fazem downloads, e também, que isso só pioraria a imagem da indústria frente aos jovens consumidores. Por fim, Leite admite que os empresários acertaram ao ir atrás dos usuários que distribuem as músicas, mas, critica a ideia de tratá-los como criminosos. Ele considera a prática do download já enraizada como uma forma de cultura, e que exige maior criatividade dos "caras" do marketing para contornar essa situação.

Produzido em sala de aula por Luan Ferrari, acadêmico da primeira fase do curso de Engenharia Ambiental e Energias Renováveis da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Autor do resumo informativo.

Sublinhei as menções ao autor do texto-fonte (Marcelo Leite). Chamamos isso de COESÃO (é o que garante a progressão do texto). Veja que não há opinião do autor do resumo. O autor do resumo apenas escreve (com as palavras dele) as informações mais importantes do texto-fonte e sempre deixando claro que as informações são de Marcelo Leite (autor do texto-fonte que está sendo resumido).

Vejam que a 1ª frase contém o tipo de documento (artigo), o nome do autor (Marcelo Leite), o título do texto-fonte (Truculência na internet) e o tema do texto-fonte (trata.....)

Importante lembrar que Luan Ferrari (autor desse resumo informativo) escreveu o resumo com as palavras dele. É uma grande citação indireta. Não há plágios (cópias indevidas das palavras que estão no texto-fonte).

Esse resumo foi produzido em parágrafo único, porque o texto-fonte é bem curto. Em textos-fonte maiores, é aconselhável usar vários parágrafos.

Você pode perceber, de imediato, que o texto do acadêmico é precedido pela referência do texto-fonte. Indo adiante, a primeira sentença, como pede a NBR 6028, é "significativa", trazendo título,

autor e objetivo: “[...] *Truculência na Internet*, Marcelo Leite trata [...]”. Ferrari ainda mantém a ordem do original, iniciando o texto com a medida legal e encerrando-o com o “convite” aos marqueteiros.

Além disso, linguisticamente é possível perceber a objetividade: o resumo não traz nenhuma opinião e mantém o uso da terceira pessoa, com o uso dos termos “Leite”, “Ele”, “o autor”. Perceba que a manutenção do autor no texto, por seu sobrenome, profissão ou pelo pronome “ele” garante o que Koch (2009) explica como sendo um elemento fundamental da coesão⁶: a referência. A referência é o processo textual de ativação e reativação de um objeto discursivo, a fim de garantir a progressão do texto.

Se você leu com cuidado o resumo de Ferrari, percebeu que ele inicialmente “ativa” o texto-fonte, deixando claro o título e o autor. Para que seu resumo possa “progredir” e informar o leitor, Ferrari retoma (“reativa”) esses elementos com substituições do nome de Marcelo Leite. A função dessas substituições é a de garantir a unidade do texto, permitindo ao leitor entender seu sentido. É por isso que a tarefa de mencionar o autor é tão importante: garante a ética do seu resumo diante do texto-fonte e auxilia na coesão do seu próprio texto.

Finalmente, destacamos a capacidade de síntese do acadêmico. Em apenas um parágrafo, ele foi capaz de manter o conteúdo mais relevante e excluir (sumarizar) elementos circunstanciais, como as “falas” dos especialistas.

Observe, agora, o **Texto 2**, escrito por uma acadêmica, da mesma fase e do mesmo curso. Sua tarefa é analisá-lo segundo as “regras” e as “normas” referentes aos resumos informativos que estudamos até aqui.

Texto 2:

Outro resumo informativo feito a partir do mesmo texto-fonte (*Truculência na internet* de Marcelo Leite). Vejam que esse resumo é formado por vários parágrafos.

LEITE, M. *Truculência na internet*. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 set. 2003. Mais!, p. 19.

Em seu artigo *Truculência na internet*, Marcelo Leite aborda a atitude da indústria fonográfica norte-americana, que abriu processos contra as pessoas que baixam músicas da internet e acabam desrespeitando os direitos autorais dos artistas.

Leite deixa claro que sua coluna apoia o direito autoral, mas enfatiza que todo direito tem suas limitações. Primeiramente, existe uma limitação de ordem prática; seria impossível processar todas as pessoas que baixam música da internet. Outra limitação diz respeito

⁶ A coesão diz respeito à relação que os elementos linguísticos travam na superfície textual. Para um aprofundamento das questões de coesão e referência, você pode consultar Koch (2009).

aos jovens consumidores fiquem insatisfeitos com o alto custo das músicas vendidas em CDs .

Para Leite, fazer downloads de músicas tornou-se uma prática social e um meio de disseminação cultural. Assim, espera-se que os empresários encontrem um meio satisfatório para distribuir seus produtos, conciliando o meio de distribuição e os consumidores, alcançando um resultado eficaz.

Produzido em sala de aula por Analise Dall Agnol, acadêmica da primeira fase do curso de Engenharia Ambiental e Energias Renováveis da Universidade Federal da Fronteira Sul.

No final dessa seção, é importante alertarmos que o processo de escrita de resumo requer uma prática de leitura e escrita constantes. Fundamentalmente, cabe ressaltarmos mais uma vez que o processo só terá sucesso com o comprometimento e a constância do trabalho de cada acadêmico.

Isto dito, resta-nos apresentar outra boa ferramenta para o estudante: o fichamento, tema da seção 3.3.

3.2.3 O fichamento

Para documentar suas leituras e organizá-las, a produção de um outro gênero textual é adequada: o fichamento. Você já deve ter ido a bibliotecas antigas ou a arquivos físicos de empresas. Se olhou atentamente, percebeu que esses “catálogos” são organizados por fichas, que eram muito comuns antes da popularização e hoje perdem espaço para gêneros virtuais.

Essas fichas ainda são vendidas e têm diversos tamanhos. De acordo com Lakatos e Marconi (2010, p. 32), são três tamanhos mais comuns de fichas: 12,4 cm x 20,5; 10,5 cm x 15,5 cm; 7,5 cm x 12,5 cm. Sua vantagem é que são facilmente manuseáveis e podem ser agrupadas conforme a pesquisa realizada, visto que funcionam independentemente. Há, ainda, a possibilidade de usar tanto o verso quanto o anverso das fichas com seu texto.

Na pesquisa acadêmica, seu valor é irrefutável. Textos como Eco (2007), Medeiros (2009), Lakatos e Marconi (2010) e Zandomenego-Cerutti-Rizatti (2008) dedicam capítulos ou seções inteiras para o tema, indicando a metodologia mais adequada para sua produção.

Aqui, partiremos de duas funções dos fichamentos da Universidade para então apresentarmos sua configuração e textualização. Essas duas funções são muito próximas às do resumo informativo: